

## AS RELAÇÕES SÓCIO-AFETIVAS ENTRE PAIS E FILHOS: UMA EXPERIÊNCIA NA PRÉ-ESCOLA

Danielly Belchior Rodrigues<sup>1</sup>, Amanda Raylla da Silva Melo<sup>1</sup>, Maria do Socorro de Farias Leite Batista<sup>1</sup>, Ana Cristina Loureiro<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduandas em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - danielly.belchior@gmail.com, amandarayllamelo@gmail.com, socorrofl@hotmail.com; <sup>2</sup>Docente do curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - anacristinaloureiro1@gmail.com

### RESUMO

As interações dentro da família mostram-se de fundamental importância para o desenvolvimento da criança. A família é comumente o primeiro ambiente social da criança e a relação parental deve ser marcada por cuidados que proporcionem um ambiente favorável ao desenvolvimento da mesma. Estudos afirmam que existe um predomínio do estilo parental autoritário nas famílias com baixo nível econômico, estando as punições associadas um desenvolvimento negativo da criança. Em decorrência dessa afirmação pode-se ressaltar a importância de um trabalho que possibilite a ressignificação dos vínculos familiares, enriquecendo esses cuidadores com conhecimento sobre uma forma mais positiva de se educar. Dessa forma, o presente artigo traz a descrição de uma pesquisa-ação realizada na Creche Municipal Isabele Barbosa da Silva, no município de Campina Grande-PB como trabalho de extensão da Universidade Estadual da Paraíba. Através de cinco encontros semanais reuniu-se um grupo constituído por uma média de sete cuidadoras sendo elas mães, avós e tias. As intervenções foram realizadas através de rodas de conversa, dinâmicas e recursos midiáticos que objetivavam trazer reflexões sobre práticas educativas e relações sócio-afetivas a partir da experiência dessas cuidadoras com seus filhos. Sendo os estilos autoritário e autoritativo as práticas predominantes dentre esse grupo de mulheres, marcadas pela falta de paciência, os encontros possibilitaram uma correção ou mudança de estratégia por parte das mesmas em suas condutas educativas. O momento da intervenção também funcionou como espaço de escuta para que essas mulheres pudessem se colocar como mães, esposas, filhas, relatando suas histórias de vida e se posicionando de forma ativa e crítica.

**Palavras-chave:** Relações parentais, Práticas educativas, Psicologia escolar.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a temática das relações parentais, ao qual se constitui no processo de construção de laços materno e/ou paterno tendo como característica central a afetividade, a convivência e a estabilidade nas relações familiares. A família corresponde ao primeiro ambiente social da criança, onde as relações parentais iniciam-se, a partir dos cuidados dispensados à mesma. É responsabilidade dos pais, proporcionar um ambiente incentivador, acolhedor e seguro para que a criança possa se desenvolver. (PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2012).

O desenvolvimento da criança depende da qualidade das interações que se estabelecem na família, pois é por meio delas que são aprendidas as regras, valores, comportamentos, habilidades, gostos e modos de se relacionar com o outro, sendo este o processo que orientam as suas possíveis relações na sociedade. Essas interações caracterizam as práticas educativas, que são estratégias utilizadas pela família para educar a criança em situações do dia a dia, sendo fundamental para o desenvolvimento e construção de sua identidade. (MINETTO, et al. 2012; PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2013).

Estudos atuais trazem a relevância das práticas educativas no contexto do desenvolvimento da criança. (PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2012; ALVARENGA e PICCININI, 2007). Baumrind (1971) desenvolveu estudos sobre a influência das relações parentais na formação moral da criança e foi a teórica que esquematizou os estilos parentais classificando-os inicialmente em três categorias: autoritário, permissivo, autoritativo e posteriormente acrescentou um quarto estilo, o não-envolvido ou negligente.

Alguns estudos apontam que há uma prevalência do estilo parental autoritário marcado pela utilização de castigos, ameaças e punições nas famílias com nível econômico baixo. A utilização de tais estratégias na educação da criança estão associadas a resultados negativos no desenvolvimento da criança, gerando comportamentos agressivos e baixa autoestima, constituindo-se em risco desenvolvimento sadio da mesma. (CARMO e ALVARENGA, 2012; PATIAS, SIQUEIRA e DIAS, 2012; BEM e WAGNER, 2006).

Acredita-se que o desconhecimento das consequências de práticas punitivas e de outras formas de educar, são algumas das dificuldades vivenciadas pelos pais na educação de seus filhos. Por essa razão, torna-se imprescindível a realização de intervenções junto aos pais que despertem novos olhares sobre as práticas educativas, disponibilizando novos repertórios para uma forma de educar mais positiva, visando sempre o

fortalecimento dos vínculos afetivos entre pais e filhos. Em vista disso, foi desenvolvido um trabalho de extensão da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, junto às famílias de crianças de uma creche, localizada na cidade de Campina Grande – PB, com o objetivo de trabalhar as relações socio-afetivas entre pais-filhos visando a reflexão de suas práticas educativas cotidianas e eventuais modificações de suas condutas. Nessa perspectiva, este artigo propõe-se a descrever a vivências das mães frente à prática educativa, destacando as dificuldades, desafios, frustrações e anseios ligados a essa experiência.

## **METODOLOGIA**

Este relato obedece aos princípios que norteiam a pesquisa qualitativa e se constitui metodologicamente como pesquisa-ação. De acordo com Thiollent (1985, p.14) a pesquisa-ação “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.” (apud GIL, 2008, p. 55).

A pesquisa-ação foi realizada na Creche Municipal Isabele Barbosa Da Silva, localizada no bairro Pedregal, na cidade de Campina Grande-PB. A creche fica ao lado de um conjunto habitacional no qual moram a maior parte das famílias que usam os seus serviços. É uma comunidade periférica que se depara com o grande contraste de estar ao lado de um dos bairros nobres da cidade, o bairro da Prata, que realça ainda mais a desigualdade social a qual são acometidos. Participaram dos encontros uma média de sete cuidadoras entre mães, avós e tias, com idade média de 34 anos. A maioria delas possui o ensino fundamental incompleto, com renda familiar menor ou igual a um salário mínimo. O número de filhos variou entre um a três, sendo pelo menos um matriculado na creche.

### **Sistemática do trabalho**

Foram realizados cinco encontros na creche, sendo um a cada semana, com duração de uma hora. As intervenções foram mediadas por sete alunos de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Após cada encontro, eram avaliadas as principais demandas apresentadas pelas mães e, a partir de então, se determinava os objetivos das novas intervenções. Buscava-se, principalmente, criar um espaço onde as experiências dessas mulheres e suas relações com os filhos pudessem ser discutidas no

prisma dos temas sugeridos por elas, os quais incluíram a falta de paciência com as crianças e as relações afetivas e educativas com os filhos.

As estratégias utilizadas foram rodas de conversa, dinâmicas e recursos midiáticos (música). As rodas de conversa foram utilizadas de forma que elas pudessem ouvir as vivências umas das outras e juntas, construir reflexões sobre as suas práticas educativas e relação afetiva com os filhos. Procurou-se estabelecer um ambiente propício para exposição de dúvidas, angústias e resoluções de conflitos com a participação de todo o grupo. As dinâmicas foram realizadas sempre em contexto com o tema trabalhado, trazendo para o âmbito do lúdico a reflexão sobre os assuntos propostos, como o estímulo, a paciência e o contato entre o grupo. Esse tipo de estratégia foi direcionado mais especificamente para facilitar o entrosamento e a descontração do ambiente e, para tal, recorreu-se a utilização de músicas, relaxamento, cantigas de roda, construção de histórias, etc.

Buscando manter o maior nível de fidelidade em relação aos resultados apresentados em cada intervenção, utilizou-se o diário de campo, no qual se procurou registrar todas as etapas do trabalho realizado em cada encontro, priorizando as falas das participantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

No primeiro encontro estiveram presentes 11 mães e teve como objetivo apresentar a proposta da extensão e refletir sobre seu papel de educadora e o seu relacionamento afetivo com os filhos. Foi realizada uma dinâmica na qual as mães, por meio de frases, palavras ou desenhos, representavam como é, para elas, ser mãe e sua relação com os filhos. Foi perguntado às participantes sobre as maiores dificuldades que elas tinham como mães. A resposta predominante foi a falta de paciência em relação às crianças, o que fazia com que elas frequentemente gritassem, batessem e/ou colocassem os filhos de castigo, quando muitas delas diziam se arrepender logo depois.

O segundo encontro estiveram presentes quatro mães e o tema explorado foi “um momento de relaxamento”. O objetivo deste encontro foi de fazer com que as mães refletissem sobre momentos bons e ruins, vivenciados entre elas e seus filhos. Solicitou-se que as mães deitassem e, com músicas de fundo, pediu-se que elas fechassem os olhos e imaginassem um lugar que elas gostariam de estar com seus filhos. Posteriormente, foi solicitado na roda de conversa que as mães apontassem as características boas dos filhos e aquelas não muito agradáveis. Nesse momento, refletiu-se sobre o

fato de que os filhos não são perfeitos e que se deve compreender e saber trabalhar suas diversas características.

Considerando os objetivos e as estratégias utilizadas no primeiro e segundo encontro, verificou-se que predominam no grupo de mães os estilos autoritário e autoritativo nas relações parentais, permeado por práticas educativas marcadas por uma falta de paciência com a prole. As mães relataram que se consideram dedicadas e esforçadas na criação dos filhos, e que nos momentos de castigo até utilizam do diálogo, mas prevalecem os sentimentos de impaciência.

A família consiste em um ambiente no qual a criança assimila algumas regras, usadas posteriormente em outros contextos sociais, portanto, a socialização da criança acontece por meio de vivências estabelecidas nas práticas educativas dos pais. Estudos desenvolvidos por Hoffman (1960) indicam o poder enfatizado na figura dos pais. O autor considera duas formas distintas de poder para alterar o comportamento da prole, sendo estas: a disciplina indutiva, no qual os pais fazem usos de explicações visando modificar de forma voluntária o comportamento da criança; e a disciplina coercitiva, estratégia está vinculada à coerção, utilizando-se de ameaças, uso direto da força, punição física e privação de privilégios. (PATIAS, SIQUEIRA, DIAS, 2012).

Faz-se necessário compreender que o processo educativo é influenciado pelas experiências vivenciadas pelos pais, os quais fazem parte de um contexto social e cultural. Nesse sentido, é importante se considerar que o conhecimento dos pais sobre o desenvolvimento dos filhos é influenciado pela convivência com os membros do grupo cultural. Portanto, a família deve oferecer meios para auxiliar a criança na aprendizagem e administração de conflitos, no controle de emoções, na expressão dos vários sentimentos constituintes do ser humano, bem como nas relações interpessoais, diversidades e adversidades da vida. (DESSEN, PÔLONIA, 2007).

Esse processo é social, cultural e historicamente determinado, como defendem Kobarg, Sachetti & Vieira (2006), fundamentando-se nas etnoteorias. Nessa perspectiva, acredita-se que o processo educativo é constituído por indivíduos ativos, presentes em uma cultura que compreende e assimila as crenças de um grupo, mas também as reconstrói por meio de mecanismos psicológicos.

Ainda foi possível identificar nos discursos das mães a dificuldade em educar seus filhos por causa da sobrecarga e responsabilidade. Uma das participantes relacionou essa sobrecarga devido ao falecimento do marido. A mãe relatou

sentir-se na função de mãe e pai, e por ocupar essa posição, afirmou não ser fácil cuidar da família. Foi ressaltado que o respeito deve ser uma via de mão dupla, onde a mãe impõe o respeito aos filhos e também tem respeito por eles, demonstrando esse último através da disposição para uma relação amigável onde existe conversa e se escuta o que o outro tem a dizer. Em outro relato uma mãe falou ter tido um comportamento rebelde em sua juventude resultante de uma criação autoritária, onde sua mãe utilizava de força física e o pai de agressividade verbal. Devido a isso ela concluiu que, se utilizar a mesma criação que teve na juventude com seus filhos eles também terão um comportamento inadequado. Outra dificuldade expressada nas falas foi a de lidar com a etapa da adolescência e as características dessa fase, como ter que negar constantes pedidos.

O terceiro encontro, contou com a presença de cinco mães e teve como tema gerador “Por que ter paciência é tão importante?”. O objetivo deste encontro foi discutir o papel da mãe na relação educativa, problematizando o contexto da paciência nesse processo. No momento de relaxamento com as mães foi solicitado que imaginassem uma situação em família e compartilhassem isso com o grupo. Todas as mães apresentaram sonhos em relação ao equilíbrio e ao bem-estar familiar ao relatar imagens em família em um momento de lazer ou de descanso, tanto dentro ou quanto fora do contexto da casa.

Foi realizada uma discussão evidenciando situações no cotidiano familiar difíceis de lidar, evocando principalmente aquelas em que as mães perceberam que faltava-lhes paciência na relação com seus filhos. Inicialmente, as mães justificavam o seu comportamento de impaciência devido aos comportamentos de seus filhos e que lhes eram bastante negativos, os quais foram citados: desobediência, brutalidade, ignorância, preguiça, utilização de palavrões e agressões das crianças na escola. Em contraponto a este fato, foi pedido às mães que pontuassem comportamentos de seus filhos que lhes eram positivos, aos quais foram apontados: é atencioso, é alegre, é carinhoso, é divertido, tem amor pelo próximo, tem amor pelos mais velhos, gostar de conversar, gostar de ajudar e gostar de estar com a família. Isso fez com que as mães pudessem visualizar a criança em todos os seus aspectos com defeitos e qualidades.

Essa discussão viabilizou às mães que lançassem um olhar sobre si mesmas, identificando também seus defeitos e qualidades na relação com a criança. As mães demonstraram consciência sobre suas características positivas e negativas. Foram citadas características como: paciência, cuidado, bondade, humildade, respeito às pessoas, cooperação, solidariedade e companheirismo; como também

ignorância, teimosia, chatice, impaciência, intransigência e estresse. As mães também pontuaram expectativas bastante positivas com relação à educação dos seus filhos, tais como: ter mais paciência, ter capacidade de aprender, ter respeito e carinho com o próximo, ter educação, ser amoroso e ser respeitoso quando a mãe fala.

Nesse sentido, a discussão aqui proposta promoveu um espaço de reflexão sobre as qualidades e defeitos dos seus filhos e de si mesmas, fazendo-as compreender que todos possuem limitações. Além disso, permitiu avaliar sobre como estão ocorrendo as relações parentais e qual o papel dos pais nesse processo, devendo-se considerar as consequências das ações dos pais, pontuando a importância do exemplo e da boa convivência para a formação dos filhos.

Conforme acentuam os estudos de Alvarenga & Piccinini (2007), a convivência com os pais vai interferir de forma determinante nas habilidades sociais dos filhos, bem como na adequação dos comportamentos às demandas do contexto onde ele ocorre. Na infância, a competência social surge na interação da criança com os pais e sujeitos no qual convivem; nesse momento, ocorre a prática da empatia, assertividade e da obediência, favorecendo o desenvolvimento da cooperação.

Para finalizar este encontro, foi pedido que cada mãe completasse a frase: “vou ter paciência quando...”. Lançou-se o desafio de que durante a semana, elas iriam tentar ter paciência naquela situação específica e, trazendo como foi essa experiência no encontro seguinte.

No quarto encontro, estiveram presentes quatro mães. O tema foi Paciência, dando continuidade ao encontro anterior e discutindo com as mães o texto “Os Pregos”. Foi discutido como práticas educativas negativas poderiam afetar de forma duradoura o desenvolvimento dos filhos, estimulando a auto reflexão das próprias mães e como acreditavam que a educação que receberam de seus pais influenciaram no seu desenvolvimento e nas estratégias educativas utilizadas com seus filhos. O texto ilustrativo propiciou a livre expressão em relação à impaciência e as possíveis formas de enfrentamento dessa dificuldade na relação com os filhos. Ao falar sobre impaciência, uma delas relata que “fingir que não está vendo” o comportamento negativo do filho é uma das estratégias que ajuda, mas que, se o comportamento persiste, ela acaba optando pelo castigo, sendo complementada por outra mãe, que afirma ser mais “descontrolada”, aplicando castigo assim que a criança se comporta mal. Uma das participantes considera que a falta de controle e de alguma atitude em relação ao mau comportamento dos filhos é

ruim para eles, mas que ela prefere gritar do que bater ou colocar de castigo, que, segundo ela, é pior.

Continuando a reflexão, discutimos com as mães a importância de explicar os motivos de negar algo para os filhos e foi possível vislumbrar em seus discursos características dos estilos parentais discutidos por Baumrind (1977), em algumas predominando o estilo autoritário (baixa responsividade e alta exigência), onde as crianças precisam simplesmente obedecer e não há necessidade de saber o motivo; em outras, o estilo autoritativo (níveis de responsividade e exigência equilibrados), onde é importante para elas que os filhos saibam os motivos de serem negados. Ao final do encontro foi perguntado às mães como elas se saíram no desafio de controlar a impaciência durante a semana, proposto anteriormente. Uma das mães relata que foi difícil, mas que conseguiu controlar o estresse quando chamava os filhos e eles não atendiam, e que isso a deixou aliviada, sinalizando que mesmo em poucos encontros, as reflexões sobre o assunto surte efeitos na subjetividade dessas mulheres.

A discussão proporcionada por este encontro explorou os efeitos que a constante falta de paciência poderia causar nas relações parentais, resgatando as experiências das participantes com seus próprios pais, de modo a compreender que aspectos de suas práticas educativas foram influenciados pelos os estilos parentais aos quais elas foram socializadas. Para finalizar o encontro, o grupo falou sobre as metas que foram estimuladas no encontro anterior e as dificuldades vivenciadas por elas na tentativa de se tornar mais pacientes com seus filhos. As mães relataram que apesar de ser bastante difícil, conseguiram alcançar o objetivo em algumas situações. Foi solicitado às mães que, além de continuar com o exercício proposto na semana anterior, acrescentassem a tentativa de sempre que elas negassem ou pedissem algo às crianças, explicar as razões para tal, de modo que elas mesmas pudessem refletir sobre os motivos de fazerem isso. Em revisão de literatura, Cecconelo, Antoni e Koller (2003) afirmam que é possível usar medidas restritivas de modo positivo, ao demonstrar afeto e cuidado com a criança, evitando ao máximo o recurso punitivo, por ser este um fator prejudicial ao desenvolvimento infantil. Segundo a pesquisa realizada por Carmo e Alvarenga (2012) a punição física, prática educativa característica do estilo autoritário, estaria relacionada com um baixo nível socioeconômico. Gershoff et al (2007) afirma que o alto nível de estresse que ocasionaria as agressões físicas estaria ligado às dificuldades materiais. Assim, constatou-se a partir das análises de Shor (2000) que pessoas residentes em bairros de baixo nível socioeconômico teriam a prática coercitiva como uma constante medida socioeducativa, ocasionando prejuízos na dimensão afetiva da



relação parental, e no desenvolvimento dos filhos (CECCONELLO, KOLLER, 2003). Os pais relataram se ver morando em uma realidade cujo o perigo era constantemente presente, encontrando nessa medida socioeducativa a maneira de se ter um melhor controle sobre os filhos, objetivando uma maior segurança. O comportamento agressivo gerador de práticas coercitivas é para Sidman (1995) e Skinner (1971) determinado pelo grau de aversão que se tem do ambiente, provenientes de estados mentais facilitadores dessa condição. As famílias que estivessem sob constante sentimentos de aversão estariam também sofrendo um alto nível de estresse, contribuindo para relações familiares com as mais variadas práticas de agressão (Margolin & Gordis, 2003). . Considerando o discurso e a dificuldade das participantes em alterar definitivamente uma prática que foi construída de forma longitudinal em suas histórias, a opção de redução de riscos é, caso seja utilizado o recurso punitivo, que este seja acompanhado de explicações lógicas e adequadas à situação, de modo a deixar claro que, apesar do castigo, a intenção por trás da ação é o cuidado, possivelmente diminuindo os sentimentos negativos da criança (CECCONELLO et al. 2003).

O quinto e último encontro estiveram presentes seis mães e uma avó. Este encontro teve como tema a expressão da afetividade entre mãe/cuidadora e filhos e o exercício cotidiano da paciência. O objetivo foi estimular a expressão da afetividade e fazer uma reflexão e uma avaliação sobre o processo vivenciado durante os encontros anteriores.

O encontro foi iniciado com o exercício Balão como prolongamento do corpo, que consiste em lançar vários balões para o alto e tentar mantê-los flutuando, usando qualquer parte do corpo, levantando-o sempre que estes caíssem. Ao término do exercício, o grupo refletiu sobre as relações com suas crianças, a necessidade de manter a paciência e o diálogo, reconhecer a possibilidade de recaída, mas também manter a persistência na busca de uma boa relação.

Em seguida foi perguntado se as mães conseguiram realizar o desafio proposto no encontro anterior que foi de falar a seus filhos o porquê de não poder fazer algo. Assim como o desafio anterior, as mães comentaram sua dificuldade em evitar utilizar práticas punitivas, muito mais costumeiras e que, segundo elas, traz um resultado mais “eficaz”, ao menos no controle comportamental imediato. Foi possível perceber pelo relato das mães um novo nível de consciência e reflexão sempre que buscavam punir os filhos, o que ocasionou o diálogo e explicação sobre o motivo do castigo, algo que não ocorria. Tal moderação foi considerada por elas fruto das discussões do grupo, relatando que, ao lembrar a proposta lançada, elas procuravam, para além do estresse causado pelo comportamento

dos filhos, pensar sobre a equivalência do castigo, ajudando a racionalizar a raiva e, com isso, reduzindo a intensidade da punição. O diálogo na relação parental é uma das principais características do estilo parental autoritativo, considerado por Martins e Shneider (2016) como o mais protetivo, relacionado à baixos índices de consumo de álcool e drogas em adolescentes, e ao estímulo da independência e autoconfiança, além de promover a comunicação, fomentando as habilidades intelectuais, sociais e afetivas. Depois desse momento, foi solicitado às mães que escrevessem uma carta para seus filhos e socializassem com o grupo. Sugeriu-se, na perspectiva de estreitar os laços, que a carta fosse lida para os filhos em um momento de tranquilidade.

Para encerrar este encontro, as mães foram motivadas a pensar os resultados das intervenções realizadas pelas alunas. Refletiu-se os desafios propostos para a semana, se eles estavam ajudando na relação com os filhos. Uma das mães revela que ainda é difícil manter o controle, mesmo que tenha tentado bastante, pois, para ela, é como se a criança a estivesse testando com o mau comportamento, mas que conseguiu não bater, considerando que isso foi uma evolução e concluindo, com certo orgulho, que havia melhorado. Outra mãe relata que quando forrava o sofá simplesmente proibia o filho de desferrar, mas que agora deixa que ele brinque no móvel, e tenta explicar que não pode bagunçar porque “tudo arrumadinho é bonito”, e que, se ele bagunçar, será responsável por arrumar de novo. Outra mãe considera que também melhorou nesse aspecto, sempre tentando lembrar do que é combinado no grupo, mas que ainda usa de castigo mais do que deveria, apesar de saber que bater não resolve nada.

Por este ser o último encontro, foi mencionada a importância dos encontros para a formação do grupo como futuras psicólogas, sendo solicitado às mães que escrevessem em um papel opiniões e sentimentos associados ao grupo. Os resultados foram bastante positivos, considerando as evidências das seguintes falas: "grande ajuda, proveitoso"; "eu achei ótimo/gostei bastante"; "foi bom/foi mais uma experiência"; "são umas meninas muito legais; são umas pessoas maravilhosas e eu gosto muito de todas vocês”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo estimular a auto reflexão das práticas parentais educativas, trabalhar as relações afetivas pais-filhos e, a partir dessa discussão, fomentar uma possível mudança ou correção, por parte das próprias mães/cuidadoras, de suas condutas educativas. O estilo parental autoritário tem alta correlação com o

contexto de baixa renda familiar é considerado prejudicial à relação afetiva entre pais/mães e filhos (CECCONELLO et al., 2003), representado pela ênfase da autoridade e da ordem, usando a punição como prática disciplinar. Com essas discussões, o grupo de extensão procurou estimular nas participantes as práticas educacionais relacionadas ao estilo parental autoritativo, considerado em diversos estudos como maior facilitador de atitudes protetivas na relação familiar. Assim, é possível afirmar que, mesmo sendo realizado apenas cinco encontros, os objetivos do projeto foram alcançados, lançando para as mães o desejo de mudança, ancorado na consciência de que a mesma não ocorre de forma imediata, mas sim, a partir de uma construção e reeducação cotidiana, a partir dos desafios propostos (como exercitar a paciência, a comunicação e a afetividade), da noção de persistência com a dinâmica dos balões, e a reflexão das consequências de suas estratégias parentais a partir da discussão, estimulando, assim, a consciência de suas práticas. Além disso, a realização deste trabalho possibilitou que as mães participantes tivessem a oportunidade de repensar suas estratégias cotidianas, tanto positivas quanto negativas, e de serem ouvidas-fazendo com que as mulheres se colocassem como mães, esposas e filhas, de forma ativa e crítica. Em suas falas e expressões, demonstram, em muitos momentos, como foi dolorosa suas vidas na infância, relatando as práticas educativas dos pais, assemelhando-se muitas vezes com as delas em relação aos filhos, resignificando suas experiências como filhas e como mães.

No momento da avaliação do projeto foi perceptível a necessidade de escuta, que pode ser oferecido no contexto educacional através de grupos de mães, ressaltando a importância da presença de um profissional em psicologia, que, em geral, tem seu lugar negligenciado na escola. Trabalhos como esse podem ser extremamente ricos para estudantes da área, apresentado os desafios e possibilidades que o campo educacional oferece, implicando-o na realidade social de seus personagens (pais, alunos, professores, técnicos), e traz para o aluno a consciência do compromisso do psicólogo frente a sociedade como um agente educador e promotor da saúde.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVARENGA, P. e PICCININI, C. A.. O Impacto do Temperamento Infantil, da Responsividade e das Práticas Educativas Maternas nos Problemas de Externalização e na Competência Social da Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 314-323, 2007.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, v. 4, n. 1, p. 2, 1971.

BEM, L. A., e WAGNER, A.. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 63-71, 2006.

CARMO P.H.B. e ALVARENGA, P.. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. *Estudos de Psicologia*, 17(2), p. 191-197, maio-agosto/2012.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, num. esp., p. 45-54, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, K. S. SCHNEIDER, D. R. Estilos parentais percebidos e o consumo de álcool entre adolescentes: revisão sistemática de estudos empíricos. *Rev. Adolescência e Saúde UERJ*\_ Vol. 13 nº 4 - Out/Dez - 2016.

MINETTO, M. F., et al. Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico. *Educar em Revista*, Editora UFPR, Curitiba, n. 43, p. 117-132, jan./mar. 2012.

PATIAS, N D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C.. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, vol.21, nº1, p. 29-40. Jan/Jun, 2013.

\_\_\_\_\_. Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 981-996, out./dez, 2012.